

## Um livro imperdível para quem respira e pratica alfabetização

Artur Gomes de Morais – Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco

### RESENHA

Tive o prazer e o privilégio de ler, nos originais, e enquanto iam sendo tecidos, um a um, cada capítulo do brilhante livro *Alfabetização: a questão dos métodos*, obra-prima de nossa Mestra Magda Soares. Desde o início fiquei impactado com a empreitada intelectual que nossa querida autora tinha assumido. E, nos e-mails e conversas pessoais com ela, passei a me referir àquela obra como o *Handbook de Alfabetização* que ela estava produzindo. Por quê?

Periodicamente, vemos chegar ao mercado editorial e ao mundo acadêmico *handbooks*, que são obras coletivas, escritas por muitos autores com reconhecimento na área em que pesquisam, e que, num trabalho conjunto, se propõem a mapear o estado da arte do conhecimento daquele campo específico. Cada um escreve sobre o que mais estuda e o conjunto é um atualizado mosaico, em que variadas perspectivas teóricas aparecem ao sol. Essas obras são muito valiosas. Mas, no novo livro de Magda há algo mais, que o torna singularmente especial e obrigatório para todos aqueles que respiramos e praticamos alfabetização nesse país. E o que o torna tão precioso?

É preciso, primeiramente, explicar ao leitor dessa resenha que, no confuso âmbito do que vimos denominando *alfabetização*, Magda Soares esclarece, já no início da obra, que vai se dedicar à “faceta linguística” da alfabetização. Isto é, àquela que trata do aprendizado do sistema de escrita alfabética e que, portanto, não vai se debruçar sobre as facetas “interativa” e “sociocultural”, que dizem respeito aos conhecimentos e habilidades envolvidos nas práticas letradas (leitura e produção) com textos escritos. Isso me pareceu uma opção fundamental da autora, se considerarmos duas razões. Por um lado, porque estamos num país em que, no

rastró da crítica aos métodos tradicionais de alfabetização, produzimos hegemonia em torno de um discurso *do letramento*, como se bastasse que as crianças apenas participassem de situações de leitura e produção de textos para, espontaneamente, se apropriarem do sistema de escrita alfabética. Por outro lado, porque nossas redes públicas de ensino têm revelado um reiterado fracasso em assegurar que todos os aprendizes se assenhem da faceta linguística, aquela que permite ler e escrever palavras.

O grande diferencial é que, ao assumir a missão de produzir um estado da arte da “faceta linguística da alfabetização”, nossa pesquisadora se propôs (e teve sucesso) em dar conta de uma empreitada titânica: fazer, sozinha, um estado da arte das inúmeras pesquisas que, nas últimas décadas, têm sido produzidas por teóricos que investigam aquela “faceta”. Para tanto, ela conseguiu abarcar o melhor do que foi produzido em diferentes línguas e continentes e em campos tão amplos como a linguística, a psicologia e a educação. E, demonstrando fôlego e disciplina inigualáveis, ao lado da competência e da correção ética que a caracterizam como intelectual, abriu-se para perscrutar trabalhos das mais variadas perspectivas teóricas e metodológicas, revisando e cotejando contribuições de estudiosos que disputam divergências epistemológicas e de procedimentos de pesquisa, como é o caso de Emilia Ferreiro, piagetiana convicta, e Linea Ehri, conexionista que abraça fielmente a dura pesquisa experimental. O cuidado com a fidelidade às formulações dos autores enfocados faz com que, muitas vezes, Magda transcreva os trechos originais dos textos que eles escreveram em outras línguas, garantindo ao leitor brasileiro a presença da tradução, em notas de rodapé.

A obra é composta por nove capítulos, muito bem articulados na progressão com que nos são apresentados. Logo de entrada, em *Alfabetização: o método em questão*, Magda retoma a história dos métodos de alfabetização, situa o catastrófico processo de “desmetodização” da alfabetização inventado, a partir dos anos 1980, em nosso país, e conclui que métodos são *uma* questão, mas não são *a* questão para explicarmos o êxito ou o fracasso da aprendizagem inicial da escrita, insistindo que devem se fundamentar em pesquisas e teorias. A revisão desses fundamentos teóricos é o que ela faz nos capítulos seguintes.

No segundo capítulo, intitulado *Fases do desenvolvimento no processo de aprendizagem da escrita*, a autora apresenta, em detalhes, as teorizações baseadas em estágios ou etapas que foram propostas por diferentes estudiosos (como Luria, Ferreiro e Teberosky, Gentry, Frith e Ehri), além dos estudos sobre “escritas inventadas” produzidos por Read e Bissex. Para aqueles leitores brasileiros que estão habituados a conhecer apenas a teoria da psicogênese da escrita, familiarizar-se com

outros modelos evolutivos e ver as análises que Magda faz de como alguns deles contribuem mais para compreendermos etapas específicas (iniciais ou finais) do processo de alfabetização, é uma experiência extraordinária e que pode ajudar a amenizar alguns partidarismos teóricos.

No terceiro capítulo, *Aprendizagem da língua escrita em diferentes ortografias e na ortografia do português brasileiro*, somos apresentados a um tema fundamental e só há pouco introduzido no debate sobre como a criança aprende a escrita alfabética: os variados graus de transparência/opacidade das relações entre grafemas e fonemas em diferentes línguas. Se considerarmos que as relações entre letras e sons são muito mais irregulares (“opacas”) na língua inglesa que no português brasileiro, passamos a ser cuidadosos e a não querer “importar” para cá explicações elaboradas por pesquisadores que só estudam crianças falantes do idioma de Shakespeare. O cuidado em explicitar as especificidades de cada língua quanto à transparência/opacidade das relações grafema-fonema leva a autora a contrastar o português europeu com o brasileiro e a observar que fenômenos próprios dos dialetos lusitanos, como a redução das vogais átonas (*perigo* em Portugal tende a ser pronunciado /prigu/), fariam com que a ortografia do português europeu se tornasse menos transparente e, conseqüentemente, seu aprendizado mais complexo.

Os três capítulos seguintes vão se dedicar a analisar o papel de diferentes modalidades de consciência metalinguística no aprendizado da escrita alfabética. No quarto, *Consciência metalinguística e aprendizagem da língua escrita*, encontramos uma brilhante exposição das diferentes dimensões da consciência metalinguística (*pragmática, metatextual, sintática, morfológica e semântica*) tal como concebidas por estudiosos do campo que atuam tanto no Brasil como no exterior. Esse aprofundamento nos parece essencial, se considerarmos que, em nosso país, desde os anos 1980, os conceitos de *metalinguagem* e *metalinguístico* passaram a ser demonizados por uma visão reducionista que os restringiu a algo “mau e a ser evitado”, porque estariam relacionados apenas ao ensino de nomenclaturas e taxonomias da gramática pedagógica tradicional.

Nos capítulos quinto e sexto, somos levados a mergulhar, respectivamente, na análise dos temas *Consciência fonológica e alfabetização* e *Consciência fonêmica e alfabetização*. No primeiro deles, Magda retoma o processo de criação mesma do conceito de consciência fonológica, revisa o que foram os estudos brasileiros sobre superação do realismo nominal e discute como, em diferentes línguas, as consciências fonológicas de rimas e de sílabas têm pesos específicos na aprendizagem inicial da notação alfabética. Ao focar a consciência fonêmica, além

de analisar em profundidade as controvérsias sobre como se relacionam habilidades daquele tipo de consciência e a apropriação da escrita alfabética, a autora revisa e discute uma série de estudos que têm demonstrado o importante papel do conhecimento das letras para a compreensão do funcionamento do sistema alfabético. A esta altura da obra, somos também levados a refletir sobre diferenças (e não só semelhanças) entre os processos de leitura e de escrita e a conhecer investigações bem atuais, que atestam o efeito positivo de criarmos e mediarmos situações desafiadoras, em que as crianças produzem *escritas inventadas*. Isto é, atividades que as fazem refletir sobre por que escolheram determinadas letras e não outras ao escrever, tal como sabem, uma palavra e que, portanto, as ajudam a tornar-se mais conscientes de que existe uma relação entre grafemas e sons.

O sétimo capítulo tem por título *Leitura e Escrita de Palavras* e nele Magda apresenta ao leitor os modelos de dupla rota (lexical e fonológica), explicitando as especificidades dos mesmos quando se trata de ler e escrever vocábulos já conhecidos ou de uso infrequente na língua. Ao focar a leitura silenciosa e o papel da fala interior no ato de ler, a autora compila e discute um amplo conjunto de estudos – desde clássicos formulados no início do século XX a pesquisas recentíssimas que adotam medidas obtidas com ressonância magnética –, para analisar os processos cerebrais de leitura e escrita de palavras. Assim, incorporando as evidências de pesquisas baseadas em teorias e metodologias experimentais refinadíssimas, a obra nos convida a aprender como a neurociência pode ampliar nossos olhares sobre o processo de alfabetização, sem mistificar esse novo campo de conhecimento.

Estamos num país em que, infelizmente, na rabeira de interpretações equivocadas do construtivismo, vários educadores passaram a achar que alcançar uma hipótese alfabética seria sinônimo de estar alfabetizado e que ensinar, sistematicamente, as correspondências entre grafemas e sons passou a ser visto como algo “tradicional”. Como antídoto para esses delírios, o penúltimo capítulo, *O efeito de regularidade sobre a leitura e a escrita*, trata, com muita profundidade, os diversos tipos de relações regulares e irregulares que grafemas e fonemas de nossa língua assumem e que constituem complexos desafios para o aprendiz ler com fluência e escrever ortograficamente. Sim, existem sílabas complexas, na grafia do português, e Magda as analisa, uma a uma, através de quadros que buscam mapear, exaustivamente, as estruturas silábicas e os padrões ortográficos do português brasileiro. A lição que fica? Só poderemos dizer que uma criança está plenamente alfabetizada, quando ela conseguir ler e escrever, com autonomia, todas as estruturas silábicas de nossa língua!

*Métodos de alfabetização: uma resposta à questão* é o título do capítulo final, no qual, mineiramente, sem ter precisado criticar métodos fônicos ou silábicos, nossa Mestra defende um ensino de alfabetização *com método*. Em suas palavras, alfabetizar com método é “...orientar a criança por meio de procedimentos que, fundamentados em teorias e princípios, estimulem e orientem as operações cognitivas e linguísticas que, progressivamente a conduzam a uma aprendizagem bem-sucedida da leitura e da escrita em uma ortografia alfabética” (p.331). É compreendendo os processos vividos pelos aprendizes que os docentes podem construir metodologias que respeitem os percursos evolutivos das crianças, ajudando-as a entender o funcionamento do sistema alfabético (ensino construtivista), mas, também, assegurando o domínio das convenções grafema-fonema e fonema-grafema (ensino explícito), sem o qual não existe alfabetização eficaz.

Coerência, disciplina e fôlego inigualáveis, repetimos. Não é à toa que essa obra monumental ganhou dois prêmios Jabuti – melhor livro da área de Educação e melhor livro de não-ficção –, no final de 2017. Reconhecimento mais que merecido! Bravo!!!

## Referências

SOARES, Magda Becker. *Alfabetização: a questão dos métodos*. São Paulo: Contexto, 2016.

## Artur Gomes de Morais

Professor titular do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco.